

As fronteiras do catolicismo e as interfaces com a religiosidade popular: o Movimento Apostólico de Schönstatt

Marta Rosa Borin*

Resumo. Após o Concílio Vaticano II, algumas práticas populares católicas deixaram de ser motivadas por alguns membros do clero católico brasileiro e, nesta nova mentalidade, a Igreja católica procurou envolver os leigos na evangelização, preferencialmente para alcançar um catolicismo mais esclarecido em matéria de fé e religião. Este estudo, empírico, analisa as tensões em torno da operacionalização da devoção mariana à Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt, a qual pode ser entendida como uma forma de resistir às mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II. Essa devoção começou no Rio Grande do Sul, em 1948. Mais tarde, com o protagonismo dos leigos, ela foi difundida para outros estados, atingindo as regiões norte e nordeste e chegando a outros países.

Palavras-chave: tensão, poder, instituição

The frontiers of Catholicism and interfaces with popular religiosity: the Apostolic Movement of Schoenstatt

Abstract. After the Second Vatican Council, some popular Catholic practices are no longer motivated by some members of the Brazilian Catholic clergy. In this new mindset, the Catholic Church tried to involve the laity in evangelization, preferably to achieve a more enlightened Catholicism in matters of faith and religion. This study empirically examines the tensions surrounding the operationalization of Marian devotion to the Mother Thrice Admirable Queen of Schönstatt, which can be understood as a way to resist the changes proposed by the Second Vatican Council. This devotion began in Rio Grande do Sul, in 1948. Later, with the role of the laity, it was spread to other states, reaching the north and northeast and other countries.

Keywords: tension, power, institution

O presente artigo resulta de uma pesquisa sobre dois processos paralelos e, de certa forma, concorrentes de operacionalização da devoção mariana no Brasil. Ambas as devoções, de origem europeia, são difundidas no Estado Rio Grande do Sul, pelo poder eclesiástico. Uma delas é invocada sob o título de *Nossa Senhora Medianeira de Todas às Graças*, difundida pelo jesuíta Inácio Rafael Valle a partir dos anos de 1930, e a outra, *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt*, difundida pelo padre palotino e depois schoenstatiano José Kentenich, no final dos anos de 1930, fundador do Movimento Apostólico de Schönstatt, em 1914, na Alemanha.

* Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS/ RS (2010); Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado/ CAPES/ UFPI; vice-coordenadora do GT História das Religiões e Religiosidades da ANPUH/RS; membro do Grupo de Pesquisa História Platina: poder e instituições, UFSM/CNPq; do Grupo de Pesquisa Memória e Patrimônio, PPGH/UPF/CNPq e do GT Nacional/ ANPUH - Patrimônio Cultural. mrborin@gmail.com

A nossa problemática estará centrada nos mecanismos de controle utilizados pelo clero em relação à religiosidade popular, pois os dados empíricos tem nos possibilitado ampliar a reflexão, iniciada com a tese doutoral, sobre a existência de dois polos distintos de ideias referentes a função destas duas devoções marianas para a Igreja. A devoção à Medianeira esteve relacionada, não apenas ao campo religioso, mas, também, ao político, notadamente de 1930 a 1960, portanto no período pré-conciliar, diferente da devoção à *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt*, com uma proposta de seu idealizador mais voltada a renovação interna da Igreja.

O que se pretende realçar são os motivos que levaram o clero católico a estimular os devotos a dar primazia a uma destas devoções marianas no Rio Grande do Sul mesmo que, para a Igreja, as duas representassem a mãe de Jesus e identificar a resposta dos populares a esta iniciativa. No Rio Grande do Sul esta preleção provocou uma tensão entre membros do clero diocesano e schoenstatiano que, de certa forma, permeia até a atualidade.

É interessante observar que a difusão da devoção à *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt* estendeu-se, não somente ao nordeste do Brasil, mas, também, à outros países, apesar das restrições impostas pelos eclesiásticos do Rio Grande do Sul, notadamente, nos episcopados de D. Antônio Reis (1930-1960) e D. Luiz Victor Sartori (1960-1970) e, na Europa, pelo Santo Ofício, nos anos de 1960, o qual exigiu a investigação do seu idealizador e fundador do Movimento Apostólico de Schönstatt. Ao contrário do que aconteceu com a devoção a *Nossa Senhora Medianeira de Todas às Graças*, cujo idealizador foi apoiado e enaltecido, tanto pelo clero quanto pelo Estado varguista.

Neste ensaio, apresentaremos alguns dados que nos parecem relevantes à ampliação desta pesquisa, tendo em vista a forma de operacionalização destas duas devoções marianas no Rio Grande do Sul, com o que problematiza-se o processo de interconexão do catolicismo eclesiástico e popular no Brasil em torno destas devoções mais em benefício do eclesiástico.

A cidade de Santa Maria/RS é de fundamental importância para ambas às devoções marianas no Brasil, pois a cidade é sede do Santuário Basílica em homenagem a *Nossa Senhora Medianeira*, iniciado em 1930 e concluído em 1982, e sede do primeiro Santuário brasileiro erigido em honra a *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt*, inaugurado em 1948. Além disso, em 1942, por iniciativa do clero católico

Nossa Senhora Medianeira foi aclamada como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul. Fato este que servira para, não somente indicar a primazia desta invocação mariana, numa cidade cujo perfil católico, desde o final do século XIX, foi marcado pela ignorância religiosa e pelas devoções populares de caráter mais festivo, mas, também, para reafirmar o catolicismo sul rio-grandense, após anos de embates com o maçonismo, o protestantismo e o espiritismo¹. Isto foi fundamental para evidenciar a predileção do clero diocesano por esta devoção mariana.

Nessa época, outro sacerdote palotino, Caetano Pagliuca, pode ser considerado um importante empreendedor religioso em Santa Maria, pois, além de promover o estabelecimento de congregações religiosas, contestou os discursos anticlericais através da imprensa confessional, sabedor das investidas contra seus predecessores. Este sacerdote foi uma das figuras chave para reverter o quadro de influência do catolicismo em Santa Maria, juntamente com o jesuíta Inácio Valle, que ao divulgar, em tempo propício, a devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira, legitimou o projeto de Restauração Católica no Rio Grande do Sul. Padre Valle foi mais além, auxiliou o estadista Getúlio Vargas numa das mais problemáticas questões do Estado: o operariado. Encontrou nos Círculos Operários uma alternativa para combater o agnosticismo, as ideias comunistas e as outras crenças, através dos Estatutos e da estrutura dos Círculos Operários com seus cursos de formação técnico-profissional oferecido aos seus associados.

Tratava-se da *casecratia mundi* – sacralização do mundo. Isto incluía os trabalhadores operários, lembrados e defendidos na *Rerum novarum*. A Igreja demonstrava à classe operária que o clero não estava restrito ao pietismo, às orações oficiais e populares, mas que através do seu *corpus* podia alertar os dirigentes também sobre outras questões, como a justiça no trabalho.

Assim, a Igreja cautelosa em relação às devoções populares aprovou a devoção a Nossa Senhora Medianeira porque através dela conseguia tutelar os populares. Não tratou a devoção como ingênua, pois a Medianeira era invocada, à princípio como a mediadora entre os populares e a elite dirigente. Posteriormente, passou a representar outras classes sociais. Para o Estado a devoção popular serviu como forma de controle do operariado e para a Igreja como soberania religiosa.

¹ BORIN, Marta Rosa. 2010, *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República*. (Tese) Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, São Leopoldo, UNISINOS.

Todavia, a história da Igreja santa-mariense irá reservar surpresas para o Movimento Apostólico de Schönstatt, pois, na segunda metade do século XX, a cidade vai testemunhar divergências intramuros em relação a devoção à *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt*.

Na nossa percepção, esta devoção mariana não vai estar explicitamente à serviço da causa operária como esteve a devoção a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, mas à renovação religiosa, a partir de uma pedagogia teológico-filosófica e ascética elaborada pelo seu idealizador, o padre Kentenich, pois, sua proposta era dirigida aos membros do Movimento Apostólico de Schönstatt, religiosos e leigos. Kentenich propunha uma renovação interna na Igreja para superar o mecanicismo através de uma nova educação que oferecesse uma estrutura pastoral mais adequada à realidade. Com sua pedagogia pretendeu formar um “homem novo cristão” e isto causou animosidades entre alguns membros do clero católico. Ele posicionava-se criticamente em relação à Igreja católica e ao método de ensino nos seminários católicos, especialmente no que diz respeito a sua forma centralista que inibia a independência do pensar dos seminaristas e a participação dos leigos e populares nas diversas formas de atividade pastoral da Igreja, bem como em relação ao protestantismo e depois às ideologias.

Ao verificarmos que a devoção mariana fez parte, não somente do processo de afirmação da identidade católica sul rio-grandense, mas também esteve a serviço de interesses políticos², podemos levantar algumas hipóteses sobre a dificuldade da divulgação da devoção mariana que aqui vamos considerar como concorrente, a *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt*, atualmente conhecida também como *Mãe Peregrina*.

Um exemplo que pode respaldar esta percepção é o fato do clero católico ter atribuído à proteção da cidade de Santa Maria, por ocasião da Revolução de 1930, a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* quando a cidade foi poupada do ataque dos revoltosos daquela guerra. E ainda, a condução estratégica do clero católico para transformar *Nossa Senhora Medianeira* em padroeira dos Círculos Operários e padroeira do Rio Grande do Sul, nos anos de 1940.

No entanto, uma visão cética também faz parte da análise do ocorrido em Santa Maria no episódio da Revolução de 1930: a rendição pacífica do coronel do Exército na

² BORIN, Op. cit.

cidade supõe que tudo foi premeditado naquela guerra civil. Mas, como as senhoras devotas vinham rezando junto aos seminaristas pela proteção de Santa Maria e de suas famílias, nos meses que antecedeu a Revolução, o jesuíta Inácio Valle atribuiu a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* a situação de vitória contra os revolucionários na cidade, sem prejuízos à população.

A provável pertinência desta versão dos fatos permite interpretar a operacionalização desta devoção mariana na perspectiva de Hobsbawm e Ranger (1997), como uma *tradição inventada*, pois, em Santa Maria, a iniciativa de invocar a proteção de *Nossa Senhora Medianeira* teria maior projeção devido à vinculação ao fato político e ao empenho do episcopado na afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul. Época em que o clero católico combatia abertamente o maçonismo, o protestantismo e o comunismo. O discurso religioso em torno do prodígio, que teria ocorrido no interior do Estado, a motivação às práticas sociais de representação dessa devoção mariana, como as novenas, as romarias e a festa, foram elementos que serviram para legitimar o catolicismo no Rio Grande do Sul em contraposição ao agnosticismo³.

Em nível nacional a inserção da devoção a *Nossa Senhora Medianeira* se deu entre a classe operária com o título de Padroeira dos Círculos Operários, em 1939 e, em nível regional como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul, em 1942. Ambas as inserções resultariam em capital simbólico para a Igreja católica. Neste sentido, esta invocação mariana congregava diferentes interesses, tanto religiosos quanto políticos. Em torno da festa da padroeira, por exemplo, o grau de identidade dos participantes não era uniforme, podiam ter diferentes crenças que se somavam na escala de identidade geral da festa devocional, pois dela participavam políticos, oportunistas, espíritas e pessoas de outras religiões. Como padroeira dos Círculos Operários acabava limitando a filiação dos membros da associação ao segmento católico da classe operária.

Santa Maria, ao se tornar um centro de peregrinação de devotos à Medianeira e cidade sede da padroeira do Estado do Rio Grande do Sul acumulava um expressivo capital simbólico que, no campo religioso, se configurava como um “bem de salvação”, “um bem acumulado, produzido”, (BOURDIEU, 1998, p. 30), neste caso, objeto central das tensões no campo das crenças que jogava como sobreposto ao prestígio, à autoridade e ao reconhecimento da Igreja.

³ BORIN, Op. cit.

Se a religiosidade popular em Santa Maria foi considerada pelos anticlericais e acatólicos, e dentre eles alguns políticos, como objeto de deboche para combater o catolicismo, no dia da festa, em honra a padroeira do Estado, ela servia de trampolim para aproximar os políticos de seus eleitores. A devoção popular, teoricamente, não caracterizaria mais a população como ingênua ou ignorante por acreditar no poder de Nossa Senhora, pois havia respaldo para a fé, não somente do clero católico, mas também daquelas instâncias políticas que antes lhes haviam negado.

A festa da padroeira refletia um contrassenso, pois ali conflitos e ideologias se anulavam, a romaria não era privilégio somente de fiéis devotos, mas também de políticos com ideologias distintas e definidas, às vezes alinhadas ao Estado e a Igreja e outras vezes não. No campo político o que contava era a influência da Igreja junto a mobilização dos operários no sentido de controlar a propagação das ideias comunistas, como ocorrera, por exemplo, junto aos Círculos Operários, principalmente durante o Estado-Novo.

Paralelamente ao prestígio das romarias estaduais em homenagem a Nossa Senhora Medianeira, a partir dos anos de 1950, a cidade de Santa Maria passou a contar com a Romaria da Primavera, iniciativa das Irmãs do Movimento Apostólico de Schönstatt. Estas romarias eram mais modestas em número de participantes, mas a adesão da população ao Movimento apostólico de Schönstatt vai ser diferente.

Kentenich, fundador do Movimento Apostólico de Schönstatt viveu numa Alemanha que havia sido forjada pelo Estado principesco e pela aristocracia que, com Bismarck, conheceu a abertura para a cultura, que identificava a nação pelas tradições da classe média. Este sacerdote valorizava as culturas nacionais uma ideia original para a época. Ele queria formar o que chamava de um “homem novo” a partir da cultura, um homem maduro espiritualmente, que fosse difusor do cristianismo, um apóstolo de Cristo.

Este compromisso deveria ser selado com Nossa Senhora, o qual ele denominou de *Aliança de Amor*. A primeira aconteceu no dia 18 de outubro de 1914, data que marca o dia da fundação do Movimento Apostólico de Schönstatt, na Alemanha. A *Aliança de Amor* tornou-se o fundamento da espiritualidade de Schönstatt⁴. Naquele

⁴ A *Aliança de Amor* foi um ato de fé. Um pedido do congregado mariano a Nossa Senhora que se estabelecesse espiritualmente na capela da jovem Congregação (Santuário) e aí realizasse milagres. A este pedido estava unida a disposição do devoto de oferecer-lhe uma vida de oração, de auto-educação e de apostolado a fim de que, pela ação conjunta do mundo sobrenatural e das forças humanas, surgisse um lugar para eles e para os outros interessados, no qual se manifestassem as “glórias de Maria”. Cf. Verbete

mesmo ano ele fundou a Congregação Mariana de Estudantes de Schönstatt, que com o final da I Guerra Mundial, foi transformada em União Apostólica. Nos anos seguintes fundou as outras comunidades sacerdotais e laicais, os Institutos Seculares de Schönstatt. A obra de Kentenich é federativa, cada Instituto é independente, o que os une é o reconhecimento da importância do Santuário, a devoção mariana e a pedagogia do Movimento Apostólico de Schönstatt. Institutos e Uniões possuem vida própria. As Ligas estão baseadas na paróquia, sob a jurisdição do pároco com inspiração na Central, ou seja, os padres de Schönstatt e as Irmãs de Maria, Instituto secular feminino, fundado em 1926 (URIBURU, 1999, p. 69). Já a União Apostólica está ligada à jurisdição episcopal. À União e a Liga Apostólica podem pertencer casais, homens, mulheres e jovens, que trabalham pela cristianização das famílias. A maioria dos membros deste Movimento possui profissão definida e atuam na sociedade. Uma estrutura e organização bem diferente da proposta pelo clero diocesano em torno da devoção a Medianeira, a qual estava a serviço da Ação Católica.

A princípio, muitos padres palotinos aderiram a proposta pedagógica do padre Kentenich, mas logo os sacerdotes foram proibidos pelo Superior Geral da Ordem e o Movimento Apostólico de Schönstatt foi submetido à Visitação Apostólica do Santo Ofício. O resultado desta tensão entre palotinos e schoenstatianos foi uma cisão que obrigou os sacerdotes a optarem entre a congregação palotina e o Movimento Apostólico de Schönstatt.

Os opositores do padre Kentenich consideravam a sua “luta com uma teologia sujeita ao campo de influência do pensar idealista-mecanicista”. Na Conferência dos Bispos Alemães, de setembro-outubro de 1948, o Movimento Apostólico de Schönstatt foi “acusado de ter dupla face: uma para a publicidade em geral, que é correta, e outra na intimidade, a qual se tinha reservas pelas características de misticismo e pelo procedimento anticlerical em relação à autoridade eclesiástica”. Devido a estas objeções ao Movimento Apostólico de Schönstatt o padre Kentenich, em 1949, quando estava na Argentina, solicitou ao arcebispo alemão que a Obra de Schönstatt fosse estudada “*in loco*”.

No ano de 1950, quando o Visitador Apostólico analisava a tese do padre Kentenich em defesa de sua pedagogia, ele estava na Europa, sendo que em 1951, o consultor do Santo Ofício, padre Sebastião Tromp, jesuíta holandês, propôs ao padre

Kentenich afastar-se voluntariamente de sua obra, caso contrário seria obrigado a abandonar a Europa. Kentenich obedeceu à ordem da autoridade eclesiástica e como lhe foi permitido mudar-se para a América do Sul, pregou retiros em alguns países como o Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. O resultado desta etapa resultou-lhe viver 14 anos nos Estados Unidos. Ele viveu o seu exílio na casa dos padres palotinos, em Milwaukee, localidade onde foi construído um Santuário de Schönstatt, em 1954.

Para Kentenich a Igreja não estava suficientemente capacitada para vencer os “erros coletivistas”, o “bacilo do pensar mecanicista” que corroíam profundamente sua vitalidade e a incapacitavam para ser a alma e a cultura do futuro⁵.

Consciente de tudo o que sua pedagogia implicava ele frisava que, usando hábito religioso ou não, um apóstolo também sem votos perpétuos, convictos de sua decisão, podia a qualquer momento, por justas razões, mudar de ideia e abandonar a congregação, no caso, o Movimento Apostólico de Schönstatt, pois as comunidades religiosas deveriam aspirar por liberdade e não por coação dos votos. O schoenstatiano deveria competir com aqueles que haviam feito votos e aspirar ao mesmo nível. Assim, um sacerdote, Irmão ou Irmã de Schönstatt poderia sair do Movimento sem precisar da mediação ou permissão da Santa Sé.

Além disso, alguns sacerdotes temiam que ele estivesse levando os membros do Movimento a um amor sistemático, exagerado por sua pessoa. Kentenich pregava que a perfeição podia ser alcançada tanto dentro como fora dos muros do convento. Esta ideia era contrária à opinião pública, ou o que ensinava a Igreja e a literatura de formação de seu tempo.

As restrições em relação ao Movimento Apostólico de Schönstatt foram expressas, em 1953, em Santa Maria, numa carta do padre Valmor Wichrowski⁶, secretário do bispo D. Antônio Reis para assuntos do apostolado externo da diocese, ao Provincial dos padres palotinos. Nesta carta ele expressou o descontentamento do bispo em relação aos padres palotinos quando dizia que eles haviam criado uma “diocese dentro da diocese”. O secretário afirmava estar bem informado sobre o Movimento Apostólico de Schönstatt, pois havia lido algumas publicações sobre a pedagogia e a história do Movimento, mas não acreditava que a população local fosse compreender a proposta pedagógica do padre Kentenich.

⁵ FERNANDÉZ, Rafael de A. 1998. *O trinta e um de maio: uma missão para nosso tempo*. Santa Maria: Pallotti.

⁶ Na década de 1950 o Assistente Diocesano da Ação Católica era o Pe. Walmor Batú Wichrowski. Cf. RUBERT, Arlindo. 1957. *A Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, p. 206.

A indignação do secretário, que afirmava ser a mesma do bispo, em relação ao Movimento de Schönstatt na diocese, era expressa também na crítica às palestras do fundador do Movimento proferidas em Santa Maria. Ele se referiu a elas como “apocalípticas” pelo fato do padre Kentenich ter dado ênfase a sua pedagogia no Santuário de Schönstatt e classificou o Movimento Apostólico de Schönstatt como “messiânico”⁷.

A missiva acima referida deixava claro que o Bispo de Santa Maria, D. Antônio Reis, havia dado apenas “licença para desenvolverem a devoção a Nossa Senhora Mãe Admirável” desde que “não prejudicasse a devoção de Nossa Senhora Medianeira, a Padroeira da diocese e nem tirasse o movimento do santuário oficial da diocese junto ao Seminário”. Ou seja, a devoção à Medianeira e o seu Santuário tinham a preferência do episcopado, pois esta devoção, de certa forma, tornara-se um mecanismo de controle da classe operária, considerada subversiva.

Criou-se um mal-entendido entre alguns palotinos e o clero diocesano de Santa Maria gerando um clima de animosidade com o episcopado. Assim, podemos supor que o processo de Visitação Apostólica ao Movimento de Schönstatt, de 1954 a 1965, pode ter alavancado as decisões do bispo D. Antônio Reis de suspender na diocese de Santa Maria, e em todas as cidades de sua jurisdição, as atividades do Movimento Apostólico de Schönstatt. Por outro lado, acreditamos que este não era o único motivo, pois, nesse período, crescia o número de devotos que acorriam às romarias em honra a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* em Santa Maria.

Naquele mesmo ano, segundo Rigo (2006, p. 150), o padre Valle fazia uma campanha pedindo a definição do dogma da Mediação universal de Maria, quando conseguiu 30.000 assinaturas de seminaristas, 3.000 de professores e 250 de dirigentes de Seminários de formação sacerdotal. Isto significa que havia um grande movimento em prol do prestígio da devoção à Medianeira, pois conquistar o dogma da Mediação Universal de Maria traria maior prestígio aos episcopos e faria de Santa Maria a sede um prodígio ainda maior do que padroeira do Estado.

Sobre a questão do Movimento de Schönstatt na Diocese de Santa Maria uma carta-resposta do Reitor Provincial dos padres palotinos, padre Casimiro Tronco, dirigida ao bispo D. Antônio Reis, explica que não houve desobediência dos padres

⁷ Cx. Série: *Formação e promoção vocacional; Escola e Centros de formação, Schönstatt, 1939-1965*. Cópia da carta escrita pelo Pe. Valmor Wichrowski, em nome de D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria 13 mar. 1953, p. 1, Arquivo da Província dos Padres Palotinos (AHPP), Santa Maria/ RS.

palotinos e schoenstatianos ao episcopado, mas um mal entendido em relação a obrigatoriedade da adesão das congregações à Ação Católica, uma vez que as mesmas tinham práticas de evangelização próprias.

Observou que, ainda era prematuro condenar o Movimento Apostólico de Schönstatt, pois não havia provas para isto⁸.

Em 1954, foram emitidas as primeiras proibições escritas pela autoridade eclesiástica local referente ao Movimento Apostólico de Schönstatt. Foram proibidos aos schoenstatianos os termos “Santuário” e “Schönstatt”; também foram proibidas as reuniões, as romarias⁹, a circulação das revistas e todos os tipos de leituras schoenstatianas, culminando em 1956 com a retirada do Santíssimo Sacramento do altar do Santuário Tabor¹⁰.

As restrições impostas pelo Bispo eram em forma de decreto, lidas no púlpito das Igrejas católicas da diocese no horário das missas. Encontramo-las como *Diretrizes sobre o Movimento Apostólico de Schönstatt*¹¹, que aparecem registradas como uma circular do Bispo diocesano, D. Antônio Reis.

O Bispo determinou que os membros do Movimento Apostólico de Schönstatt promovessem as *iniciativas aprovadas na diocese*; as reuniões do Movimento não poderiam “estorvar em nada as da Ação Católica”. As paróquias administradas pelos padres palotinos ficaram submetidas ao controle do bispo diocesano devido a sua relação com o Movimento Apostólico de Schönstatt; a Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento foram suspensas no Santuário de Schönstatt, de Santa Maria.

Nas paróquias dos padres palotinos foram proibidas a construção de Santuário sem licença expressa do bispo diocesano, à época conhecidos como capelinhas de Schönstatt. O bispo advertiu que nas visitas domiciliares com a imagem da Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schönstatt, além de se observarem todas as normas do bispado, “devem evitar o caráter exclusivista no que diz respeito à imagem”. Contudo, registrou que continuava o apreço pela obra realizada pelos

⁸ Cx. Série: *Formação e promoção vocacional; Escola e Centros de formação, Schönstatt, 1939-1965*. Resposta do Reitor Provincial ao Relatório do Exmo. Sr. Bispo de S. Maria relativamente à questão de Schönstatt na Diocese, Pe. Casimiro Tronco S. A. C. Reitor Provincial, 13 jul. 1954, AHPP, Santa Maria.

⁹ As Romarias do Movimento Apostólico de Schönstatt acontecem no dia 18 de outubro, para recordar a data da *Aliança de Amor*. O Santuário, com o nome Tabor, havia sido inaugurado em Santa Maria em 1948.

¹⁰ Livro Tombo, 1954, Catedral Diocesana, Santa Maria/ RS, p.59.

¹¹ Livro Tombo, 1954, Catedral Diocesana, Santa Maria/ RS, p.59.

palotinos na diocese as quais não são objeto de advertência, portanto não foram interrompidas.

Tudo indica que era a pedagogia do padre Kentenich que estava sendo contestada pela Santa Sé naquele momento e não havia ressalvas ou restrições aos padres palotinos. Estes haviam consolidado seu trabalho na região de abrangência da diocese.

Nesta época a Província dos padres palotinos em Santa Maria contava com 77 padres, 15 irmãos. Na totalidade da diocese contavam com 23 casas. À época, os sacerdotes palotinos destacavam-se pelo número de casas de formação seminarística, possuíam desde Pré-Seminário à Curso Teológico; um Pré-Seminário em Faxinal do Soturno e outro em construção em Santo Augusto; em Vale Vêneto possuíam o Seminário Menor; em Cadeado, município de Ijuí, o Noviciado Santo Alberto; em São João do Polêsine o Seminário Maior que em seguida passou a funcionar em Santa Maria. Ainda, na cidade sede da padroeira do Estado, além de dirigirem escolas possuíam a Livraria Editora Pallotti e tinham a seu cargo a Paróquia Nossa Senhora das Dores. Na diocese estavam encarregados das paróquias de Vale Vêneto, Dona Francisca, São Martinho, Humaitá e Sobradinho¹².

O bispo em Santa Maria, ciente da Visitação Apostólica ao Movimento de Schönstatt, tomou a iniciativa de proibir suas atividades na diocese e, ao mesmo tempo, deixou claro que não queria a propagação de outra devoção mariana na cidade. Assim, dava preferência a invocação mariana de *Nossa Senhora Medianeira* já que com ela havia conquistado muitos devotos e espaço junto ao poder público, inclusive em nível estadual. O fato de o Bispo advertir que “nenhuma iniciativa devocional poderia ofuscar as da diocese” significava também que a prioridade deveria ser dada às iniciativas da Ação Católica, um projeto internacional da Igreja católica e não a outro Movimento leigo e religioso.

D. Antônio Reis ao reforçar a predileção à invocação mariana na diocese, como *Medianeira de Todas as Graças*, dava ênfase a promoção desta devoção, deixando claro que, ao mesmo tempo em que estava em causa o processo de Visitação Apostólica ao Movimento de Schönstatt e a pessoa do fundador, também estava à devoção mariana do Movimento. Com isto legitimava o significado da devoção a Nossa Senhora Medianeira no Estado como aquela que teria auxiliado no combate ao agnosticismo e ao anticlericalismo.

¹² RUBERT, Arlindo. 1957, *A Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, p. 227.

Uma decisão da Câmara Eclesiástica¹³ renovou a proibição da atuação do Movimento Apostólico de Schönstatt em toda a diocese. A ordem era para que fossem suspensas os retiros, os cursos, as conferências, as reuniões, as instruções, as romarias, as propagandas, etc., seja por revista ou folhetos. Nas paróquias, colégios, Igrejas, capelas ou qualquer outro ambiente, “as capelinhas”¹⁴ existentes não poderiam mais ser denominadas “santuários”¹⁵.

As proibições foram publicadas também no informativo católico *Milles Chisti*¹⁶, com o título *Determinações da Cúria diocesana sobre o chamado Movimento Apostólico de Schönstatt. Circular enviada aos Revmos. Párocos*. Pela carta circular o Bispo Coadjutor de Santa Maria, D. Luiz Vitor Sartori, ordenava que fossem cessadas “em todo o território da diocese toda e qualquer atividade, direta ou indiretamente, relacionada com o citado Movimento Apostólico de Schönstatt”¹⁷. Além da proibição haveria punições ao sacerdote que desrespeitasse esta determinação¹⁸.

No Arquivo da Secretaria do bispado de Santa Maria não encontramos um documento original da Santa Sé proibindo o Movimento Apostólico de Schönstatt. Segundo o padre Angel Strada¹⁹, “não existe nenhum documento válido emitido pela Santa Sé proibindo o Movimento Apostólico de Schönstatt nas dioceses do Brasil no período em que o mesmo foi submetido à Visitação Apostólica do Santo Ofício”.

Assim, podemos pensar que as proibições ao Movimento Apostólico de Schönstatt na diocese de Santa Maria aconteceram devido às tensões entre os padres

¹³ Em 1956 os Consultores Diocesanos eram: Mons. Humbeto Busato; Mons. Fredrico Didonet; Mons. Aquiles Luiz Bertoldo; Mons. Antônio Correia e Mons. Vitor Bastitela. Cf. RUBERT, Arlindo. 1957, **A Diocese de Santa Maria, Santa Maria**, p. 206, 209 e 210.

¹⁴ As capelinhas eram pequenos oratórios portáteis e confeccionados em madeira onde estava afixada a estampa da *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt*. Estas capelinhas circulavam nas casas de famílias devotas e em algumas instituições. Livro Tombo, 1956, Catedral Diocesana, Santa Maria/ RS, p. 87-88.

¹⁵ O Santuário de Schönstatt é resultado da combinação com a experiência histórica original do Movimento Apostólico de Schönstatt. Sua origem se deve a uma experiência de graças na ordem ordinária, para cuja realização é convidada a selar uma *Aliança de Amor* com Maria num crescente aprofundamento religioso. Seu caráter de lugar de aliança o exclui dos lugares de fenômenos religiosos extraordinários, que derivam sua sacralidade pela realização de milagres, de profecias e aparições. Cf. BRANTZEN, Hubert et al. 1996, *Schönstatt Lexikon. Fakten ideen leben*. Vallendar - Schönstatt: Patris, Tradução de Gilberto Cabani. Verbete Santuário, p. 147-149.

¹⁶ O *Millis Chisti* era um periódico publicado pela Diocese de Santa Maria.

¹⁷ Cx. Série: *Formação e promoção vocacional; Escola e Centros de formação, Schönstatt, 1939-1965*. “Movimento Apostólico de Schönstatt. Circular enviada aos Revmos. Párocos”. *Milles Chisti*, Santa Maria, ago. 1956, p. 22 e 23. Seção Notícias Diocesanas, AHPP, Santa Maria.

¹⁸ Cx. Série: *Formação e promoção vocacional; Escola e Centros de formação, Schönstatt, 1939-1965*. Carta enviada por S. Exma. Revma. Dom Luiz Victor Sartori ao Revmo. Pe. Valentim Zamberlam, Md. Provincial da S. A. C., *Millis Chisti*, Santa Maria, ago. 1956, p. 23 e 24. Seção Notícias Diocesanas, AHPP, Santa Maria.

¹⁹ Cf. Conversações por e-mail com o Pe. Angel Strada, postulador da causa de beatificação do Pe. José Kantenich em Roma. Roma-Santa Maria, dez 2005.

seculares e palotinos e a dificuldade de muitos destes últimos refutarem o Movimento Apostólico de Schönstatt em detrimento do afinamento com a pedagogia proposta pelo seu fundador. Diferente da devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira, que era a da Ação Católica por ser esta a da diocese, como desejava o Bispo.

Esta hipótese faz mais sentido, pois não encontramos um documento oficial liberando o Movimento Apostólico de Schönstatt na diocese²⁰. Isto deu margem àqueles sacerdotes que não simpatizavam com a pedagogia de Schönstatt a ignorarem aquele Movimento leigo-religioso nas paróquias das localidades em que atuavam, mesmo depois do padre Kentenich ter sido liberado pelo Santo Ofício para dar continuidade a sua obra.

Assim, as restrições e proibições dos bispos não estariam relacionadas apenas à obediência destes episcopos à Santa Sé, mas, também, porque os bispos, à época, estavam optando pela devoção mariana já consolidada, pois a exclusividade da devoção à Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul e dos Círculos Operários Católicos do Brasil já havia conquistado prestígio, não somente no campo religioso, mas também no campo político. Além disso, o Santuário em honra a Nossa Senhora Medianeira ainda não estava concluído e a diocese precisava da fidelidade financeira dos fiéis em suas festas e romarias, bem como para manter a campanha em prol das vocações sacerdotais dos seculares.

A hipótese de preferência da diocese pela devoção a Nossa Senhora Medianeira devido à importância que ela tinha para a diocese, encontra respaldo também no registro do Livro Tombo da Catedral Diocesana²¹. Em 1956, foi registrada a iniciativa do Bispo Coadjutor, D. Luiz Vitor Sartori, de levar o quadro original de Nossa Senhora Medianeira a todas as paróquias: o *Peregrinatio Marie*. Deste modo a diocese movimentava-se para divulgar a devoção mariana da causa operária, dos seminaristas e de tantos outros devotos.

Esta iniciativa pode ter um duplo significado, pois em 1950, o Movimento Apostólico de Schönstatt iniciara a visitação às famílias com a imagem da *Mãe Rainha Três Vezes Admirável* para preparar, com a oração do Terço, a proclamação do Dogma da Assunção de Maria, uma campanha que se estendeu às paróquias da Diocese.

Na tentativa de reverter a situação o Provincial dos padres palotinos, Valentim e o

²⁰ Ao realizarmos a pesquisa no Arquivo da Mitra Arquidiocesana de Santa Maria não encontramos o referido documento. Segundo Monsenhor Ataíde no Arquivo Secreto nada consta sobre este assunto.

²¹ Livro Tombo, 1956, Catedral Diocesana de Santa Maria, p. 88.

padre Máximo Trevisan tiveram uma audiência com o Bispo Coadjutor D. Luiz Victor Sartori para tratar da manutenção do Movimento Apostólico de Schönstatt na cidade. O Bispo fez alguns comentários desfavoráveis sobre a pedagogia do Movimento religioso alegando que esta deveria ser bem explicada, pois considerava que o povo brasileiro tinha “tendência inata ao espiritismo” e poderia desvirtuar certas expressões utilizadas na pedagogia do Movimento. O Bispo expressou também o desejo de que na diocese voltasse a “reinar a harmonia entre os bispos e os padres palotinos” e sugeriu a separação da congregação entre os padres palotinos do que resultaria: palotinos e schoenstatianos. O padre Máximo explicou ao Bispo que “o motivo da preocupação do Santo Ofício reside antes no perigo que pode existir na separação de ambas as Obras, a Sociedade e o Movimento”. E que este não era o desejo da Santa Sé “ao menos no momento, absolutamente não deseja que a Sociedade se separe de Schönstatt e vice-versa”. O padre Máximo lembrou, ainda, que a Santa Sé reconhecia oficialmente a Obra de Schönstatt como “uma obra peculiar e própria de nossa Sociedade”²².

Em Santa Maria, após o Concílio Vaticano II, em 1966, alguns sacerdotes palotinos resistiam à separação da Obra de Schönstatt da de Pallotti. Esta tensão durou algum tempo, mas foi resolvida com a separação entre a Obra de Schönstatt e os palotinos. Os sacerdotes estavam livres para escolher.

Aquele empreendimento colaboraria muito para o crescimento do Movimento Apostólico de Schönstatt em nível local, e passou também a atrair peregrinos de outras cidades, paralelamente às iniciativas devocionais propagada com o apoio da autoridade máxima da diocese.

Como esta questão, em nível local causou divergências conhecidas, mormente intramuros, porque a população ainda desconhece os fatos que causaram esta celeuma, procuramos encontrar respostas àquilo que percebemos como tentativa de exercer o “controle social” por parte da liderança episcopal.

Não queremos afirmar que foi uma atitude personalista dos bispos, D. Antônio Reis e de D. Luiz Vitor Sartori. O fato é que estes dois líderes religiosos, num momento de tensão interna não explicaram à sociedade o que se passava com o fundador do Movimento Apostólico de Schönstatt e sufocaram o Movimento. Agindo pela

²² Cx. Série: *Formação e promoção vocacional; Escola e Centros de formação, Schönstatt, 1939-1965*. Pontos de uma entrevista entre sua Excia. Revma. D. Luiz Victor Sartori e o Revmo. Pe. Valentim – Provincial e o Revmo. Pe. Máximo. Santa Maria, 07 out. 1957, p. 1-4, AHPP, Santa Maria.

repressão preservaram a Igreja de críticas e de prováveis distorções do assunto, até mesmo entre católicos.

Aconteceu que o Santuário foi desclassificado como tal por alguns sacerdotes, bispos e alguns religiosos. O compromisso do episcopado em relação à devoção mariana da diocese estava intrinsecamente ligado ao controle das escolhas políticas da classe operária e isto pesou muito frente o anticomunismo.

Como a resposta oficial do Santo Ofício, liberando o Movimento de Schönstatt da condenação, não foi comunicada à sociedade e nem a revogação dos decretos contra o Movimento Apostólico de Schönstatt foram publicados na Diocese de Santa Maria, entende-se que isto deu margem a permanência das tensões entre alguns religiosos, e a devoção válida para os eclesiásticos era a da Medianeira e não a de um Movimento religioso problemático para a Igreja. No entanto, o Movimento de Schönstatt acabou se tornando reconhecido nacional e internacionalmente após o Concílio Vaticano II.

A resposta da população à devoção mariana em Santa Maria pode ser medida pelo número expressivo de visitantes ao Santuário de Schönstatt. Ele representa o cerne da pedagogia do Movimento, é um local de adoração permanente ao Santíssimo Sacramento, aberto ao público, com a presença constante de “guardiões” consagrados²³ que zelam pelo Tabernáculo e oram ininterruptamente. Ao contrário do Santuário Basílica-Menor Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, onde o Tabernáculo foi colocado em um dos altares laterais, quando foi inaugurado em 1982. Este Santuário não tem, semanalmente, uma frequência significativa de frequentadores, não contempla espaço para os ex-votos e recentemente preocupou-se em divulgar visivelmente a memória do fundador da devoção à Medianeira em Santa Maria, padre Valle, com a organização de um memorial. No entanto, este líder religioso sempre foi lembrado nas novenas que antecediam as romarias da Medianeira.

Com o passar do tempo Nossa Senhora Medianeira foi sendo lembrada, principalmente como padroeira do Estado e pouco divulgada como padroeira dos operários, sendo que a grande maioria da população desconhece estes títulos. Nas paróquias da Diocese, de modo geral, a invocação à Medianeira se dá mais no mês que antecede a romaria para preparar espiritualmente os fiéis e estimular os preparativos da festa em homenagem à santa. Talvez pudéssemos relacionar ao que observa Vovelle

²³ As irmãs quando estão no Santuário geralmente permanecem em oração, registram os pedidos de oração dos devotos e zelam pelo lugar. Muitos fiéis chegam no Santuário para deixar por escrito seus testemunhos de graças alcançadas, flores, donativos, velas, etc.

quando estuda as festas religiosas, destacando que elas não têm uma estrutura fixa, sofrem mutações, podendo incorporar novos elementos e fazer ressurgir aqueles que foram esquecidos, suprimidos ou abandonados.

A frequência de fiéis à Basílica Nossa Senhora Medianeira é menor do que a frequência de peregrinos que afluem ao Santuário de Schönstatt. Todos os dias 18, por exemplo, dia do documento de fundação do Movimento Apostólico de Schönstatt na Alemanha, ocorrem duas missas na capela do Centro Mariano: uma missa à tarde e outra a noite, devido ao grande afluxo de devotos. O número de frequentadores, geralmente, ultrapassa 600 pessoas em cada missa, pois o número de assentos da capela do Centro Mariano é de 600 lugares e fica lotado, sendo que muitas pessoas permanecem em pé durante a celebração.

A frequência de pessoas à romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira é considerada a maior do Estado, chegando a contar de 250 a 280 mil pessoas no segundo domingo do mês de novembro. No entanto a frequência diária à Basílica de Nossa Senhora Medianeira não é tão significativa, se comparada a do Santuário de Schönstatt e da Igreja Catedral Metropolitana, pois o Santuário de Schönstatt recebe diariamente, de 500 a 550 peregrinos²⁴ e a Igreja Catedral Metropolitana registra, em média, a visitação de 700 a 1000 pessoas por dia.

A Basílica Nossa Senhora Medianeira registrou, uma média de, aproximadamente, 41 visitantes por dia, entre 23 de janeiro de 2000 a 27 de dezembro de 2006.

Com estes dados percebe-se que, em geral, os devotos de Nossa Senhora Medianeira foram menos estimulados pelo clero diocesano a se beneficiarem das graças creditada pela Igreja católica ao fiel que visita um Santuário. Esta observação pode ser respaldada pela diferença do número de visitantes e/ou devotos do Santuário Basílica Menor Nossa Senhora Medianeira, ao contrário do que acontece no Santuário de Schönstatt, onde a visitação é permanente e em maior número.

Este comportamento pode ser atribuído à estrutura organizativa das devoções, pois, os religiosos e membros do Movimento Apostólico de Schönstatt continuaram ministrando cursos aos leigos para manter viva a espiritualidade, a memória e as atividades do Movimento, ao contrário dos líderes da devoção a Nossa Senhora Medianeira. Estes, inicialmente jesuítas e depois sacerdotes diocesanos, com a extinção do movimento de Ação Católica, restringiram a devoção às novenas que antecederiam as

²⁴ RUBERT, D. Hélio Adelar. 2005, *Anuário da Diocese de Santa Maria*, p. 57.

romarias em homenagem a santa e naquilo que envolvia a preparação para a festa em honra a Medianeira. O zelo do clero diocesano em relação a ela, como um diferencial do Estado católico, foi identificando-a como devoção popular, mais festiva.

Por outro lado, o protagonismo dos leigos difundiu a pedagogia do Movimento Apostólico de Schönstatt, não somente na América Latina, mas em outros países da Europa, da Ásia, da África e da Oceania, formando uma rede de Santuários schoenstatianos. Com isto, na América Latina, tencionavam abrir espaço para o homem latino-americano conhecer um novo estilo de vida, pois, o padre Kentenich entendia que o povo latino-americano precisava de líderes espirituais, “heróis” católicos como modelo de virtude.

O primeiro Santuário de Schönstatt da América do Sul foi inaugurado em Nueva Helvécia, no Uruguai, no Departamento de Colonia, em 1943, considerado Santuário Filial ao da Alemanha. No Brasil, atualmente, existem, aproximadamente, vinte e um santuários, o primeiro foi erigido na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1948. O Estado sul rio-grandense, a partir de então, passou a contar com outros Santuários de Schönstatt nas cidades de Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Frederico Westphalen. Em outras cidades dos Estados da Federação também foram sendo erigidos santuários schoenstatianos, concentrando-se mais notadamente nos Estados do sul do país. No Paraná e em São Paulo foram erigidos quatro Santuários, nas cidades de Curitiba, Guarapuava, Londrina e Cornélio Procópio; no Estado de São Paulo, em Vila Mariana/São Paulo, Atibaia, Jacarezinho e Araraquara; em Minas Gerais foram construídos três santuários de Schönstatt: em Confins, Poços de Caldas e Belo Horizonte; em Pernambuco em duas cidades: Garanhuns e Recife; um na cidade do Rio de Janeiro, outro em Brasília e outro em Salvador.

A rede de Santuários de Schönstatt na América Latina é significativa se comparada a da Europa, onde se originou a devoção. Ela conta com um total de cinquenta e seis Santuários de Schönstatt, enquanto a Europa com, aproximadamente, setenta e seis, assim distribuídos: na Argentina, são aproximadamente, dezessete, três em Buenos Aires (no Centro, Belgrano e Villa Ballerter) e um nas outras províncias: Comodoro Rivadavia, Rawson, Mar del Plata, Florencio Varela, La Plata, Belen de Escobar, Rosario, Parana, Córdoba, San Miguel de Tucuman, Salta, Mendoza, Oberá/Misiones. No Chile, o número de Santuários schoenstatianos é ainda em maior número, foram erigidos vinte e um Santuários de Schönstatt: em Arica, em Iquique, em La

Serena, em Antofagasta, em Viña del Mar, em Agua Santa, em Quilloota, em Buin, em Rancagua, em Santiago (em La Florida, Quinta Normal, Las Conde, Providencia y em Lo Canã), em San Fernando, em Curicó, em Chillan, em Concepción/ Montahue, em Los Angeles, em Temuco e em Puerto Montt.

Embora os Santuários de Schönstatt, em outros países latino-americanos, aparecem em menor número, compõem, no conjunto com os demais, uma extensa rede desse movimento leigo-religioso. No Paraguai, por exemplo, foram erigidos três Santuários de Schönstatt: em Tuparenda, em Assunción e na Ciudad del Este; dois no Peru, em Tujillo e em Lima; um em La Paz, na Bolívia; dois na Colômbia; quatro no Equador: dois em Quito, um em Guayaquil e um em Ciudad Celeste. Na América Central, foram construídos dois santuários schoenstatianos, um em Porto Rico e outro na República Dominicana. No México, encontram-se quatro Santuários de Schönstatt, em Monterrey, em São Luiz de Potosi, em Santiago de Queretaro e em Chilapa.

Nos EUA, os Santuários de Schönstatt estão concentrados nas cidades das regiões central e leste, num total de nove. Na Índia também foram edificadas quatro Santuários de Schönstatt, em Aloor, em Irinyalakuda, em Mudurai e em Bangalore. Já na África são em número de seis: em Ibadan, na Nigéria; em Bujumbura e Mutumba, no Burundi; Isingiro, na Tanzânia; em Johannesburg, Chatcart e Constanca, na África do Sul. O Movimento Apostólico de Schönstatt também chegou à Oceania. Na Austrália, em Mulgoa, Kew/Melbourn e Armadale e nas Filipinas, em Lawaan, na Ilha de Cebu.

Na Europa, tanto a Espanha quanto o Reino Unido e a Itália, possuem dois santuários. Estes seis somados aos da França, da Hungria, da Croácia, da Áustria e da República Checa totalizam onze santuários schoenstatianos, nem sempre nas capitais. No entanto, na Europa o número é mais expressivo em Portugal e na Polônia onde foram edificadas quatro santuários em cada um destes países. Na Suíça, são sete santuários schoenstatianos e na Alemanha, existem mais de cinquenta Santuários de Schönstatt edificadas.

Se, por um lado, a festa da Medianeira, ao acumular bens de distinção religiosa constituiu-se num bem suscetível de acumulação, em torno do qual se estruturou o mercado do campo religioso católico, por outro lado, os devotos da “*Mãe Peregrina*” trilham um caminho paralelo, com maior prestígio em nível internacional do que local, pois os membros do Movimento Apostólico de Schönstatt, leigos e religiosos, tornaram sua devoção mariana numa importante manifestação de fé em nível mundial,

num momento em que a Igreja incentivava os leigos a participar mais da política para defender os interesses do povo oprimido, da classe trabalhadora.

Simultaneamente, o mesmo Movimento religioso, considerado motivo de tensões intramuros, contribuiu, não somente, para que a cidade de Santa Maria se tornasse num centro de peregrinações religiosas católicas, como também para que esta devoção mariana se propagasse, a partir de Santa Maria, para a América Latina, iniciando pela Argentina. Este país, até 2005, contava, também, com, aproximadamente, quinhentas Ermidas, com mais de vinte e oito mil imagens Peregrinas, com quarenta e cinco imagens Auxiliares, que eram levadas às casas de famílias, hospitais, colégios, casas de crianças abandonadas, escritórios, casas geriátricas, institutos de cegos e drogados, com o intuito de evangelizar, e com isto expandiam a devoção e a pedagogia do movimento religioso. Estas imagens deveriam partir do Santuário de Santa Maria, cidade protagonista desta prática popular aliada a oração do Terço, idealizada por João Luiz Pozzobon, um pai de família, cujo processo de canonização encontra-se no Vaticano, bem como o do fundador do Movimento Apostólico de Schöenstatt, Pe. José Kentenich, motivo pelo qual os membros do Movimento Apostólico de Schöenstatt podem atribuir à Santa Maria um duplo significado, o que não acontece, ao menos por enquanto, em relação ao idealizador da devoção à Medianeira.

Referencias

ALESSANDRI, Hernán. *Padre José Kentenich: um fundador, um pai, uma missão*. Tradução de Gilberto Cavani. Santa Maria: Pallotti, 2002.

BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República*. (Tese) Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, São Leopoldo, UNISINOS, 2010.

BRANTZEN, Hubert et al. *Schöenstatt Lexikon. Fakten ideen leben*. Tradução Gilberto Cabani. Vallendar/Schöenstatt: Patris. Verbete Santuário, 1996, p. 147-149.

CHARTIER. *El mundo como representación*. Barcelona: Gedisa, 1985.

FERNANDÉZ, Rafael de A. *O trinta e um de maio: uma missão para nosso tempo*. Santa Maria: Pallotti, 1998.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KENTENICH, Pe. José. *O Fundador Fala 1. Conferências e Alocuções para as Mães schoenstatianas e a família de Schöenstatt*. Santa Maria: Centro Mariano, 1977.

O'NEIL, Pe. Kevin. *Apuntes Históricos Palotinos*. Santa Maria: Pallotti, 1994.

RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, 1957.

RIGO, Pe. Enio José. *A romaria da Medianeira e a Eucaristia*. Santa Maria: Biblos, 2006.

Santuários de Schönstatt no mundo. Disponível em:
<http://www.santuarios.schoenstatt.de> Encontrado em: 20/10/2012.

SCHNEIDER, Ottomar e CATAGGIO, Juan. *Documento de Consenso: a pessoa e a campanha do diácono João Luiz Pozzobon*, Encontro Internacional, Santa Maria, 1989.

SCHNEIDER, Roque & BARBIERI, Francisco. *Medianeira*. Santa Maria: Rainha, 1976.

TREVISAN, Victor. *João Luiz Pozzobon: um "Santo" com têmpera de missionário leigo?* Santa Maria: Pallotti, 1992.

TREVISAN, Victor. *Movimento Apostólico de Schönstatt: introdução histórica*, Santa Maria: Pallotti, v. 1 e 2, 1992.

URIBURU, Esteban J. *140.000 km a caminho com a Virgem*. Tradução Dorvalino Rubim. Santa Maria: Pallotti, 1985.

Recebido em 30/11/2012

Aprovado em 10/01/2013